



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	O que fazer diante de um Golpe?
<b>Autor</b>	LIANA NETTO DOLCI
<b>Orientador</b>	AMADEU DE OLIVEIRA WEINMANN

## **O que fazer diante de um golpe?**

**Autora: Liana Netto Dolci**

**Orientador: Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann**

**Instituição de Origem: UFRGS**

Neste projeto, investigamos a complexidade do que resta de um golpe político. Para nos aprofundarmos na questão, foi escolhido o filme *Terra em Transe* (1967), do diretor brasileiro Glauber Rocha, realizado como uma alegoria do golpe de estado de 1964 em terras brasileiras.

A pergunta que orienta a elaboração deste trabalho é: o que fazer diante de um golpe?

Interessa-nos trabalhar na interface entre Psicanálise e Política. Em um segundo momento, nos caberia perguntar como a Psicanálise pode participar do debate público, “expandindo o universo da falta”, como diz o psicanalista Christian Dunker, e não se deixando permanecer encerrada na metafísica privada, própria dos condomínios de psicanalistas. Os conflitos da política se tecem pela palavra, assim como na psicanálise, em relações de transferência. Isso nos permite questionar os discursos percebidos no contemporâneo, diante de um encerramento político. Quando o trabalho sobre as tensões não se dá por palavras, se instaura a violência e, com ela, o *trauma*.

“Não precisamos de heróis” é uma fala do filme. Mas como não desejá-los? Como se posicionar diante de um encerramento? Um golpe sempre é traumático. E o que a psicanálise tem a dizer sobre o momento atual que assola o país? Em face a essas perguntas, temos como marco teórico o diálogo com alguns pensadores. Ismail Xavier, no Cinema, a pensadora política Hannah Arendt, bem como Freud, Lacan, Hélio Pellegrino e psicanalistas da atualidade.

Neste estudo, a pesquisa opera no registro próprio da linguagem cinematográfica, escutando-a desde a psicanálise – o que se denomina análise fílmica psicanalítica. Priorizamos a análise do método característico de Glauber Rocha, assim como algumas obras do Cinema Novo, marcados como progressistas, democráticas, desenvolvimentistas e não paternalistas. No mesmo ano do lançamento do filme, Caetano Veloso, no ritmo do tropicalismo, lançava a música “Alegria, alegria”: *O sol se reparte em crimes/Espaçonaves, guerrilhas/Em cardinales bonitas*. A produção cultural estava se ocupando de tentar elaborar o Golpe. Escolhemos cenas que, de acordo com o teórico Ismail Xavier, revelem uma homologia entre o microcosmo da ficção e o

macrocosmo social e ilustram a linguagem irreverente e inovadora do diretor. Glauber, que se entende como um diretor com uma ideia na cabeça e uma câmera na mão, produz uma obra que metaforiza o momento sócio-político, recriando uma atmosfera subjetiva particular de desamparo político. Para pensar na problemática, dividimos o trabalho em três eixos principais: trauma, luto e criação.

Nossa hipótese se articula com a noção de que é preciso fazer o luto do trauma para poder criar. A psicanálise, enlaçada no discurso social, nos guia neste trabalho em que operamos conceitos deste campo com a arte, mais precisamente, *esta* arte que floresce em um momento de encerramento político. Em *Alegorias do desenvolvimento*, o teórico do cinema Ismail Xavier comenta a obra: “observá-la hoje é se deparar com a representação implacável do jogo de poder capaz de expor um quadro da cultura política brasileira que ultrapassa em muito aquela conjuntura específica.”